



II CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

**A DANÇA ENTRE OS CIGANOS CALONS BRASILEIROS: estudo interdisciplinar
sobre práticas culturais brasileiras na educação artística**

Manon Toscano Lopes Silva Pinto; Sônia Maria Moraes Ferreira; Elisabete Menezes
Colégio Militar de Salvador, Faculdades Afonso Cláudio, toscanomanon@yahoo.com;
Colégio Militar de Salvador, soniaf1000@yahoo.com.br; Colégio Militar de Salvador,
profeliz@ig.com.br

RESUMO

O presente artigo tem como foco o estudo interdisciplinar realizado no Colégio Militar de Salvador (CMS) sobre a cultura dos ciganos calons brasileiros no contexto da educação artística. A justificativa do trabalho vincula-se aos programas elaborados no Sistema Colégio Militar do Brasil (SCMB), o qual o CMS está integrado entre os dos doze estabelecimentos de ensino monitorados pela Divisão de Ensino Preparatório Assistencial (DEPA). Na estrutura que o referido órgão lançou, novos olhares para se repensar ‘saberes e fazeres’ inseridos na cultura brasileira se tornou prioridade, em virtude da reformulação sofrida pelo órgão maior que estabelece as normas legais para todas as instituições de ensino vinculadas ao Exército Brasileiro (EB) que é o Departamento de Educação e Cultura do Exército (DECEX). Ademais, tendo como princípio o Ensino por Competências, é exigido o desenvolvimento de trabalhos internos que ressaltem as vivências interculturais, a diversidade e pluralidade cultural. Tomando como base a necessidade de esclarecer os pontos obscuros relativos aos preconceitos étnicos e raciais, e, uma vez levado em consideração pelos discentes a necessidade de compartilhar estudos que ainda são escassos sobre comunidades que não estão devidamente esclarecidas sobre a importância e relevância social na composição da formação brasileira, os integrantes do grupo de dança resolveram estudar, com mais profundidade, as evidências de que algumas danças poderiam ou não estar vinculadas à cultura cigana. Tendo como base a hipótese de sobre a formação brasileira no início da formação do povo brasileiro, nas colônias aqui formadas.

Palavras-chave: dança; ciganos calons brasileiros.

INTRODUÇÃO

Partindo da premissa de que os ciganos são, de fato, um povo vinculado à música e à dança, o objetivo traçado para as oficinas de dança-teatro passou a contar com a seguinte meta: investigar a cultura dos ciganos calons no que tange à sua relação com a dança. Com este propósito alcançamos o objetivo que concerne à proposta macro que é estudar a inclusão, direitos humanos e interculturalidade a partir das comunidades ciganas calon brasileiras.

Há alguns anos, temos investido em múltiplas práticas favoráveis a um repensar sobre metodologias qualificadas como favoráveis ao desenvolvimento humano. Porém, efetivamente, vemos que dificilmente alcançamos os objetivos delineados quando não aplicamos, na prática, ‘saberes e fazeres’ proximais ao objeto de estudo. Assim, levantar os dados referentes aos ciganos foi uma iniciativa que alimentou outros percursos que se tornaram difíceis de serem trabalhados, principalmente quando lidamos com uma população cujas crenças religiosas são contrárias às práticas africanas vinculadas ao espiritismo. Desse modo, o estudo também se faz representativo e expressivo, portanto, por estar relacionado ao interesse do presente congresso ao fomentar uma discussão que teve origem em dispositivos legais incorporados às questões crítico-reflexivas sobre ação docente que pudesse equalizar problemas internos de ordem religiosa, política e, até pessoal.

Um discurso sobre cultura popular não pode deixar de lado obras que tratem da hibridação, principalmente se o território geográfico onde a pesquisa está sendo tratada é o Brasil que se destaca como um país onde se produz uma pluralidade cultural expressiva. O campo da arte se faz notório como um instrumento polissêmico de conhecimento. Nele, a dança está circunscrita. Através de seus fundamentos desvendam-se ‘lógicas profundas do inconsciente coletivo, da vida cotidiana e do destino humano’, conforme alude Minayo (2007, p. 35).

As relações extremamente complexas entre os continentes seria uma discussão infundável, mas Canclini (2003) expõe o assunto relativo ao tradicionalismo como um tema extremamente pertinente, desde o ensino dos primeiros anos escolares. O abre alas das escolas brasileiras deveriam dar passagem a essa temática antes, até, de situar o estudante, algemado, desde cedo, nos bancos escolares que só servem para transportar o vai e vêm das minúsculas perninhas dos futuros patriotas, como primeiro dever de casa que assumem como integrantes do batalhão escolar: ler e escrever. O texto de Canclini traz essa recordação e aqui se apresenta como própria para se contextualizar como é delimitado, no contexto latino-americano as categorias erudita, popular e de massa, tratando o assunto de forma jocosa.

Segundo Canclini (2003, p. 22), reconverter um patrimônio para inseri-lo em novas condições de produção e mercado é um dado importante para se entender como uma população tão estigmatizada. As informações trazidas por Canclini em relação ao processo de hibridação facilita o entendimento da análise empírica dos processos de hibridação articulados como estratégias de conversão, expostas como foco da pesquisa. No caso da dança, elemento que

ressaltamos, torna-se um interlúdio que as identidades ciganas vão perdendo ao longo desse estágio. Isso é facilmente compreendido quando colocados pelo autor, o que facilita o estudo da identidade cigana a partir das suas danças, considerando ela como um importante selo identitário cigano.

Existem ciganos brasileiros, portugueses, espanhóis, húngaros, russos, ucranianos e por aí vai. Cada grupamento tem um arsenal de danças que se acomodam com as danças aqui também compartilhadas. No entanto, os calos, praticamente convivem com a dança brasileira, que, até onde se saiba, é influenciada por dezenas de outras danças. Sabendo-se que os seres humanos procedem de acordo com circunstâncias e situações sociais em que estão implicados, analisar a dança como um desses procedimentos é justificável pois nos dá pistas de uma forma consuetudinária.

A educação hodierna requer atividades pedagógicas fundamentadas na valorização da perspectiva intercultural. Daí a importância que se dá ao trato desse assunto nas comunidades. A semelhança da natureza humana, como registra Krishnamurti (1953, p. 7), não é uma condição de tornar a educação convencional, a tal ponto que impeça o pensar independente. Para o autor “a padronização do homem conduz à mediocridade”. Mas é ela que leva o ser humano inseguro a julgar que aproximar-se de outra cultura, ou assemelhar-se à outra cultura vai garantir-lhe um status. Todo ser humano aspira ao bom êxito na sociedade e esse ato é alimentado pela esperança de sucesso garantido acompanhado do reconhecimento.

A globalização foi uma das responsáveis pela venda de uma imagem que tenta homogeneizar essa ideia de conforto e segurança. Essa busca desenfreada pela segurança é acompanhada pelo consumismo, julgando assim que o conflito possa ser dissuadido. Talvez, no fundo, o ser humano aspire ao conflito, pois o 'barulho', uma forma de mostrar-se vivo, seja a estratégia mais correta de ele chamar a atenção para si. Krishnamurti (1953, p. 10) declara que “Este medo à vida, este medo à luta e à experiência nova, mata em nós o espírito de aventura por causa de nossa criação e educação”. Assim, ele acredita que “temos medo de ser diferentes do nosso próximo, ou pensar em desacordo com o padrão social vigente, num falso respeito à autoridade e à tradição”.

A educação não foi feita para se aprender padrões de ação, pensamento, conduta, tão somente. Diz Krishnamurti (1953, p. 10) que “excetuando-se o ensino de uma profissão ou técnica determinada” tem muito pouco valor a educação. “Em vez de despertar a inteligência integral



do indivíduo, a educação o induz a adaptar-se a um padrão, vedando-lhe assim a compreensão de si mesmo como um processo total”. O autor sugere uma educação que favoreça a integração das identidades que vão se constituindo, ao longo da vida de cada ser.

Pelo seu discurso, entende-se que ele percebe um ensino e um processo educativo nas escolas. No ensino rotula-se a personalidade, formas fugazes de 'se sair bem na sociedade'. Por educação, constrói-se o individualismo, o subjetivismo. Apesar de ele utilizar a palavra educação, sugere-se que haja diferença entre o que ele percebe como instrução/ensino e o que ele propõe para uma verdadeira educação, a educação correta. Essa educação produz integração, enquanto o ensino produz eficiência e, portanto, a ele o passado se atrela e se prolonga, impedindo o novo de surgir no cotidiano do aprendente. A educação correta vivencia juntamente com o aprendente o sentido da vida, o ensino instrui o aluno a ser um proficiente ser.

Cartilhas elaboradas para diversos fins são recursos pedagógicos utilizados em várias instituições. Entretanto, a efetiva manobra para diminuir o preconceito em relação aos ciganos, ou qualquer outro segmento da humanidade passa por algo muito mais distante do que políticas públicas. Revolucionar, fazer política, também são estratégias bastante promissoras, mas algo latente no seio da humanidade mostra um lado sombrio que nos deixa à mercê de preconceitos e discriminações. Dessa maneira, uma educação com bases amorosas e dialógicas, pautadas na psicogênese, talvez, tenha ficado como lastro de garantias para tentar dissolver esse permanente estado de medo, pavor, raiva que muitos têm em relação aos ciganos e, quem sabe, aos negros, aos que possuem uma discreta ou grande barriguinha; aos colecionadores de cães e gatos, aos destituídos de uma arcada dentária, e tantos outros que 'incomodam' aquele que critica.

Acredita-se que desde sempre as formas de conviviabilidade que Mendes se refere (2012, p. 13) provocam dissensões entre os ciganos e, por se sentirem ainda como desiguais passaram a acreditar que assumir todo referencial de uma cultura que se diz majoritária é o caminho. Ceder para não se entregar, é o mesmo que se entregar. Enfim, numa sociedade que se entenda democrática, mas que fortemente se acultura, coloca em risco os valores de segurança diferenciados quando dão vez à invasão licenciosa de outras culturas emergentes. Nossa identidade sociocultural precisa de uma reconstrução. E assim caminhamos para tentar fazer com que os discentes do CMS pudessem entender muitas coisas, entre elas, a dança como



uma manifestação popular, oriunda de um senso-comum, de ações não planejadas, em toda a história da humanidade até o momento em que se formam as técnicas e apresentações codificadas. Até então seu aspecto instintivo espontâneo, subjetivo, acrítico, emotivo retratam a forma como o cigano mantém suas danças.

A dança entre os ciganos possui, como toda história da tradição cultural, um lastro antigo e um contemporâneo que a relativiza a partir dos momentos de convívios com outros seres. Se a dança é uma forma específica de conhecimento popular implicada no senso comum, deve ser reconhecido o que essa cultura oferece para tornar felizes os sujeitos que a produzem. Verificando no referencial que o vínculo do cigano com sua cultura precisa ser fortalecido, e que esse fato é uma preocupação universal, principalmente em países onde existe um grupo considerável de ciganos, quanto mais estudos versarem sobre o que pode mover a um diálogo conciso sobre o assunto é mais do que justificável, é imprescindível, principalmente para o fortalecimento de políticas públicas para disseminar o preconceito, em relação a esse grupo que não é minoritário como apreendemos. Esses são elementos que poderão ser desenvolvidos após essa primeira investida que torna evidente a necessidade de se aproximar saberes relativos ao encontro do cigano com seu próprio jeito de ser e estar.

Pretender estudar a dança realizada pelos ciganos é como estudar a própria identidade cigana. Como filhos despatriados, toda nação os toma para si, uma vez que não os exclui efetivamente. Situar o cigano na heterogeneidade baiana é entender como se poduzem as hibridações que Canclini coloca como fusão de estruturas discretas, e a dança é um elemento que reforça esse dado.

Alguns autores são expressivos pela temática desenvolvida a partir dos termos a serem compreendidos e de grande importância para a compreensão dos fenômenos. Trata ele de apresentar diferenças básicas entre identidade, cultura, diferença, desigualdade, multiculturalismo. O fato é que poucos se sentem à vontade para tratar desse assunto tão polissêmico que fica sem a devida atenção.

Não é preciso esclarecer mais ainda sobre a relevância acadêmica e social que torna viável a realização de uma pesquisa relativa às manifestações culturais expressas nas comunidades ciganas. Até porque, o fato de o tema ser escasso, não é uma condição ímpar, mas pelo fato de a questão cigana ser um assunto universal, esteja onde ela estiver, parece ser de grande importância, e a dança faz parte desse universo majoritário. Assim, a importância dada ao



estudo se faz presente pela necessidade de se investir nas minorias, e quando se diz minorias, está sendo propagada a importância em se dar voz a uma única que repercute na multidão, ainda que não se aceite ser este grupo minoritário.

A partir do discurso elaborado, pode-se perceber a relevância para a educação hodierna rever as fundamentações que perpassam pelos estudos avançados relativos à cultura popular. Para um entendimento, cada vez mais apropriado, em torno dessa dinâmica em suas múltiplas formas de constituição e de vivência, acredita-se que propostas curriculares que ressaltem a importância da cultura popular, não necessariamente a cultura cigana, mas todas as culturas estabelecidas nas comunidades onde as instituições estão inseridas, deveriam ser incentivadas. Dessa forma amplia-se a dinâmica do assunto em suas múltiplas formas de constituição e de vivência.

As manifestações populares devem ser respeitadas, independente de quaisquer traços subjetivos dos membros que as integram e, observando os sujeitos principais desse foco de estudo, por ter o cigano uma relação dialógica com seus pares através das danças, tidas como manifestações socioculturais, apontar a dissolução desse ato expresso no cotidiano deles é uma preocupação que precisa ser ressaltada no saber acadêmico.

METODOLOGIA

A pesquisa, de caráter qualitativo baseou-se numa epistemologia subjetivista, interpretativa, sob o ponto de vista teórico. É um estudo de caso. Após sugerirmos a leitura das obras: 'As tardes de um pintor' (1847), do romancista carioca Teixeira e Souza (1812-1861); 'Memórias de um sargento de milícias' (1852), de Manuel Antônio de Almeida (1831-1861) e uma série de lendas ciganas, elencamos outros referenciais sobre cultura popular, tais como a obra de Mello Moraes Filho (1843-1919) que descreve os ciganos em 'O Cancioneiro dos Ciganos' (1885) e Os Ciganos no Brasil (1886). Nela são detalhadas algumas danças e festas ciganas do fim de século que ele nomeou como danças sensuais, aproximando-as das marcas de mestiçagem próprias dos brasileiros. As obras discutem sobre a relação intercultural das crenças e tradições que não são, na verdade, percebidas como próprias dos ciganos.

O referido autor (1986, p. 31) apresenta a Chegança, um dos pontos altos da Cavallhada, exibição da contenda entre cristãos e mouros como reverências realizadas em cenas que assumem uma atitude de subserviência e respeito, um misto de gestualidades que se diluem

nas proezas sobre cavalos. Cita outras danças como a polca, fandango espanhol, serra-baia, anu, rola-mendengo, caboclo do sul, guabiroga, candeeiro organizadas por militares regimentados nas milícias compostas por muitos ciganos, entre os quais, Joaquim Antônio Rabelo. As descrições sobre seus costumes e manifestações artísticas, envoltas em preconceitos, mistificações e banimento social, vinham impregnadas da expectativa de um momento reforçador dos misticismos e 'folclorização' de uma cultura.

A relação do cigano com a terra árida nordestina foi sinalizada como um ponto a ser considerado em outras pesquisas a serem realizadas. Porém, o texto de Pieroni (1999) que descreveu o percurso dos ciganos desde a colonização brasileira até sua infiltração na Corte, foi um marco ao lado da obra de Mendes (2012) que apontou um enquadramento analítico sob três eixos conceituais centrais: representações sociais, discriminação e identidades, representou uma fonte inestimável. A sua tese serviu de base para reflexões alusivas ao processo de identidades, racismo e discriminação perpassando pelo discurso compartilhado com o leitor sobre seus pontos de vista em relação ao étnico, cultural e religioso.

A princípio, utilizamos uma pesquisa bibliográfica referente ao povo cigano. De uma maneira geral, nessa pesquisa ficou claro para todos que o cigano apresenta sua história no próprio corpo. Assim definiu Hilkner (2008) na tese publicada em Campinas onde apresenta uma realidade artística que não se enquadra no contexto nordestino que ora especificamos na feitura desse projeto cujo desejo é registrar a realidade dos ciganos que tocam violas, violões e dançam forró, ouvindo 'Chitãozinho e Xororó'. Diante desse resultado, quando os discentes deveriam conhecer a dança que ciganos e gadjos compartilhavam nos seus 'bródios' (festas ciganas), os discentes passaram a ver os ciganos com os olhos de quem acredita que a dança é um fato social incrível que ampliou a comunhão entre essas duas culturas.

Pela forma como ciganos e gadjos dançam essas músicas tão brasileiras, conjuntamente, pode-se apreender como se dá a construção das relações entre eles no que diz respeito às sensações e percepções dos mundos de cada um desses grupamentos. Se a dança sempre foi, para toda a humanidade, um processo dinâmico e inacabado, que sempre serviu como referencial para manter as relações entre os povos, de uma forma ou outra, ter a percepção de que ela poderia servir como função mediadora ente ciganos e gadjos, foi um passo adiante para a apreciação de que, sendo os ciganos um coletivo que pertence a diversas etnias, há evidências das complicações que os ciganos tiveram com a Igreja, desde a Idade Média.



De tudo que eles leram, viram e ouviram através de relatos dos próprios ciganos, mais eruditos e outros iletrados com os quais puderam compartilhar alguns diálogos, compreendemos que, de fato, eles entenderam quão plural é a cultura cigana. A multiplicidade de culturas dos diversos grupos ciganos foram se diferenciando conforme as relações estabelecidas *in loco*. Essa mestiçagem associada à mestiçagem brasileira compôs um mosaico infindável de elementos. Esta relação pode ser um fator que levou a uma relação entre ciganos e gadjos (não ciganos) se tornar mais positiva. Dessa forma, o entendimento discente revelou que, ambos, cantando, dançando, celebrando são fatores de aproximação dos povos.

A festa foi entendida como um momento, de fato, onde encontros e desencontros são comumente expressos em palavras, gestos, olhares, desejos. Num ambiente de festa, vivem-se mais esses domínios de forma inconsciente e, portanto, espontaneamente. Sendo assim, a festa foi considerada como um mecanismo estratégico de intervenção comunitária para diminuir o preconceito em relação a um grupo. Outro ponto interessante desse trabalho foi a observação de alguns vídeos das festas organizadas pelos ciganos. Para eles, a festa mais socializada é a do casamento. Através dela muitos gadjos conhecem parte do manancial cultural cigano que, percebe-se, são também cenas de um cotidiano relacional pouco comum. Na tentativa de extrair pontos de vistas intimamente relacionadas com o foco da pesquisa, puderam dizer que a festa é um fato relevante para um encontro entre gadjos e ciganos de forma positiva.

Entendemos que os discentes, ao estudar as manifestações culturais populares passou a se dar importância para o desenvolvimento dos seres humanos em relação estreita com suas sombras mal definidas em suas formações, o que provoca esses desencontros aqui explicitados, e, a dança, acredita-se, é um pormenor a ser discutido, até porque, por ser um patrimônio imaterial da humanidade é, ainda, um assunto que tem muito a se dizer e a se descobrir.

Para desenvolver o estudo discente colocamos como objetivo geral: investigar a dança como manifestação cultural popular entre os ciganos assentados em Camaçari-BA na contemporaneidade. Como objetivos específicos, registrar os diferentes tipos de danças executadas pelos ciganos assentados em Camaçari e investigar como a dança é vivenciada no contexto cigano de Camaçari. Uma vez que o escopo do trabalho apontou como a dança se define como unidade parental foi preciso uma ampla pesquisa bibliográfica, tal é a ausência de pesquisas referentes a esse propósito.



Tanto a dança quanto os ciganos são focos de pesquisas que não são tão propagadas no Brasil. Em se tratando da dança entre ciganos, as pesquisas se tornam mais rarefeitas. E assim ficou mais difícil para os estudantes conseguir dados historiográficos úteis para mapear a chegada do cigano ao Brasil a partir da política metropolitana em relação a ele, que, não tão diferente dos dias atuais, se mostra ambígua em diversos sentidos. Assim entregamos revistas históricas, livros de Pieroni e outros pontos que colocaram o cigano como um dos povos que fundou as colonizações portuguesas.

RESULTADOS

É uma preocupação que não deve, necessariamente, passar por uma intervenção, pelo menos a princípio. Os estudos bibliográficos já são um bom começo, mas que não fique por aí. O contato, as visitas escolares aos acampamentos, uma festa organizada para os ciganos no dia de Santa Sara, ou em qualquer dia, como o dia do amigo, ou, a implantação de uma dessas ações em qualquer dia para acabar com essa definição de dias especiais no calendário da humanidade seriam medidas que contribuem para a ampliação do acervo de estudos críticos sobre diversos conhecimentos.

A experiência com os ciganos de qualquer localidade conduz, decerto, à compreensão ampliada de que essa é uma das formas de entender a realidade tão deles quanto a dos outros habitantes, o que corresponde a um complexo de teias socioculturais e psíquicas, pois evidencia escolhas e extensões no âmbito das artes e ciências, conjuntamente.

Nesse estudo é possível compreender os mecanismos de poder conducentes às possibilidades políticas raciais, mas outras arestas não previstas no trabalho precisam ser alcançadas, o que se dará se a pesquisa for continuada para se perceber, em campo, a resistência e outros mecanismos que tornaram atos solidários em relação a esse encontro.

Com essa pesquisa pode-se entender um pouco da realidade sociocultural das manifestações festivas dos ciganos de Camaçari, nelas surpreendendo suas danças. Apesar de ter sido um início de estudo pode-se entender como uma contribuição para a ciganologia e sua expansão para as práticas educativas, observando, ainda, o cigano como um construtor da sua própria cidadania à medida que assume seus espaços sociais, emoções e posições protagônicas no seio baiano, diminuindo, um pouco, o processo de exclusão, até porque o cigano de Camaçari não está passando por um processo de indiferença.



Os PCNs quando tratam da diversidade cultural menciona os ciganos em seu texto. Segundo o documento “Para viver democraticamente em uma sociedade plural é preciso respeitar os diferentes grupos e culturas que a constituem”. Lembrando a formação do povo brasileiro e a demanda da educação para que seja inteligível essa particularidade das instituições, é preciso o reconhecimento de que a identidade nacional é representada pela diversidade expressa pelo povo que se constitui, também, de imigrantes e, entre eles ou não, os ciganos.

Alguns ciganos podem ser apreciados principalmente pelas composições feitas no leste europeu, mas os ciganos brasileiros, atualmente, pela apreciação à música sertaneja. Levada para as festas ciganas no nordeste do país, apresentam-na com o mesmo esmero que os dançarinos flamencos e violinistas húngaros fizeram em seus países.

A música sertaneja e a intensidade das danças são aspectos introduzidos na cultura cigana brasileira já faz um bom tempo, desde o século XX. Nelas são presenciadas a forma como essas danças são realizadas, a gestualidade empregada e a música intercambiando com caracteres um tanto quanto ‘brega’, como dizem nossos jovens gadjos, mas encantadoras para quem participa e pertence a essa sólida formação parental.

Dentre todas as perdas culturais, a que mais é sentida por muitas comunidades é a vestimenta. A maior parte das pessoas imagina as mulheres ciganas em belos e coloridos vestidos. E o interessante é que as vestimentas possuíam uma relação muito forte com a dança e a teatralidade cigana. Havia uma razão de ser para cada elemento trazido nelas. Atualmente é desconfortante dançar as danças gajas com as vestimentas ciganas. Cria-se um paradoxo, uma lacuna no assunto que fora alimentado pela cigana Edinha Cerqueira, que vive em Porto Seguro, ao contar que “hoje as meninas ciganas usam cada vez mais saias e blusas comuns”. (JUCELHO DANTAS, 2008).

DISCUSSÃO

Em todas as histórias propagadas na humanidade, a história do movimento humano, principalmente no Brasil, requer um aprofundamento mais específico. E a dança é um dos elementos pouco aventados nesse contexto. De forma particularizada a dança tratada não pode ser outra senão aquela (s) que o nordestino ou qualquer interiorano ou cidadão vivencia. De forma mais simplista, os ciganos que ocupam o município de Camaçari, desde 1996, segundo Gilson Dantas, um dos líderes da comunidade cigana de Camaçari, dançam a dança de seus

'tios' e 'primos'. Estas são todas as danças que os camaçarienses dividem nos espaços destinados para elas: festas, rituais entre outros.

Risério (2004) expõe ser Salvador uma cidade declaradamente mestiça e, como toda população brasileira, é americana e, quem sabe, do mundo inteiro. Embora ele somente registre a população cigana na página 109 (cento e nove) de sua obra, quando se refere à encruzilhada de trajetórias histórico-culturais distintas, não há um ciganólogo que não tenha feito essa menção ao povo cigano. Assim acredita-se que os calon souberam aproveitar a oportunidade de trabalho que se apresentasse a mais facilitadora de relacionamentos sociais, apesar de ainda existir as restrições à interação social, tão comum em todos os lugares do mundo em relação a eles. Ainda assim dançam, festejam e superam o desprezo pelos estereótipos imputados a eles, sem que eles mesmos se deem conta dessa possibilidade tão proximal a cultura deles.

Quando se defende que as manifestações culturais são, antes, espaços de afeto modelados culturalmente, busca-se compreendê-las pelo crivo das verdades estabelecidas a partir de conduta, principalmente pela cultura judaico-cristã, uma vez que, sendo o recorte da pesquisa estritamente vinculado às manifestações culturais locais, com efeito, a sua configuração não pode estar associada a outras formações culturais. São as manifestações culturais que nos permite observar as funções matriciais das festas e comportamentos instintivos identificáveis às diferentes populações. Basta pensarmos no que o sentimento de pertencimento marca para seu desenvolvimento.

CONCLUSÕES

São muitas as pesquisas no campo da cultura popular, diversidade cultural e multiculturalidade relativas à cultura ágrafa, à cultura afrodescendente, mas poucas, praticamente nenhuma, trata sobre alguma peculiaridade concernente ao povo cigano e sua relação com a dança propagada na cultura não cigana. Os significados e sentidos atribuídos à dança pelos ciganos da localidade referenciada no cotidiano é um importante elemento de exposição.

Percebe-se que nas obras sobre a cultura cigana, a ausência de uma explanação maior sobre as danças. Se dança e cigano são termos correlacionados entre si, mesmo com aparente crescimento nas pesquisas sobre o assunto, o tema é muito pouco ventilado, principalmente



no Brasil. Os ciganos são povos tradicionais, não restam dúvidas, que preservam uma cultura peculiar. Espalhados principalmente pelos sertões nordestinos, conquistaram alguns direitos a partir de suas lutas sociais, políticas e identitárias.

Na Bahia, estado onde a produção acadêmica sobre o tema é bem inferior às encontradas no Mato Grosso, Goiás, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Paraíba, encontra-se a dissertação de Emanuel Andrade, publicada na UNEB, que não trata diretamente do cigano. Mas existem outras, algumas mais conhecidas e outras menos propagadas e um quadro mínimo de artigos, mesmo nas regiões onde presenciamos muitos ciganos como Campinas, em São Paulo.

Entender a razão de ordem interna em que gadjos e ciganos param, por momentos, para dançar juntos, é entender como a dança pode estar num limiar terapêutico, de educação, e de espetacularidade tornando-se um código universal. É um momento que se pode compreender o mundo de ambos, suas relações e representações culturais permitindo um estágio de integração, ainda que momentâneo, identificando significados e sentidos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CANCLINI, Néstor Garcia. **Culturas híbridas**. 4. e., São Paulo: Edusp, 2003.
- DANTAS, Jucelho. **Relato verbal de**, 2012.
- HILKNER, Regiane Aparecida Rossi. **Ciganos: peregrinos no tempo**. 2008. Capturado em 07/04/2012 em <http://www.bibliotecadigital.unicamp.br>
- KRISNAMURTI, Jiddu. **A educação e o significado da vida**. São Paulo: Cultrix, 1953.
- MENDES, Maria Manuela. **Ciganos: identidades, racismo discriminação**. Porto: Caleidoscópio, 2012.
- MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo: Hucitec, 2007.
- MORAES FILHO, Mello. **Os ciganos no Brasil e cancioneros dos ciganos**. São Paulo: Itatiaia, 1986.
- PIERONI, Geraldo; VIANA, Márcio. **Os degredados na colonização do Brasil**. Brasília: Thesaurus, 1999.
- RISÉRIO, Antônio. **Uma história da cidade da Bahia**. Rio de Janeiro: Versal, 2004.